

ARQUIVO DISCURSIVO DAS JUVENTUDES: INTERNACIONALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DO CONHECIMENTO EM MÍDIAS DIGITAIS

Carla Barbosa Moreira¹

RESUMO: Este texto visa apresentar resultados da pesquisa *Arquivo Discursivo das Juventudes: internacionalização de espaços colaborativos de produção-circulação do conhecimento em mídias digitais*, um desdobramento de iniciativas anteriores voltadas para a construção do “Arquivo Discursivo das Juventudes” (ADJuv) no âmbito do Programa de Extensão Pensar Jovem (DEDC/CEFET-MG). A partir de uma perspectiva discursiva (Pêcheux, 1988[1975]; Mariani, 2016), seu objetivo é implementar o ADJuv no exterior, inicialmente em Roma (Itália), com a finalidade de constituir uma rede colaborativa entre diferentes instituições de ensino e pesquisa para a promoção da circulação do conhecimento entre/das juventudes. Assim, a tradução, análise, adaptação e gravação do podcast-piloto “13 de maio” (LITERACAST, 2020), por estudantes universitárias(os) de língua portuguesa como língua transnacional, na Itália, constituem a primeira etapa de um processo de internacionalização de espaços enunciativos de produção e circulação de saberes do Brasil para outros países, e em especial, aqueles com os quais o Brasil vivenciou e vivencia movimentos migratórios e de (des) colonização.

Palavras-chave: Circulação do Conhecimento. Podcast. Carolina Maria de Jesus. Arquivo Discursivo das Juventudes.

1 Professora no Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: professoracarlamoreira@cefetmg.br

Introdução

O objetivo central do projeto reside na investigação de processos e procedimentos para a implementação e circulação do Arquivo Discursivo das Juventudes (ADJuv)² no escopo do Projeto de Extensão Pensar Jovem (DEDC/CEFET-MG), em instituições da Educação Básica e de ensino de português como língua transnacional no exterior. Reconhecemos a crescente relevância das mídias digitais entre as juventudes, com destaque para o podcast, motivação maior para a construção de arquivos colaborativos em redes multilíngues e interculturais. Através da produção e circulação de discursos por/em podcasts, e da ampliação de espaços enunciativos para a constituição do ADJuv - o projeto se propõe a analisar, ainda, os efeitos para a reprodução e ressignificação de imaginários, bem como o processo de ensino-aprendizagem de português brasileiro (PB)³ enquanto língua transnacional.

Assumimos, para isso, a produção de mídias digitais por jovens brasileiros integrantes do Pensar Jovem como constitutiva do ADJuv. Nesta primeira edição do projeto, o podcast-piloto “13 de maio: especial 60 anos do livro “Quarto de Despejo”⁴, de Carolina Maria de Jesus, será interpretado, traduzido, adaptado e regado por jovens estudantes de PB em uma universidade italiana, em Roma. Acreditamos, conforme o que se expõe a seguir, que o modo de circulação de saberes que advém de discursividades em

2 O Arquivo Discursivo das Juventudes (ADJuv) é composto por professores e estudantes extensionistas de quatro instituições de ensino da Educação Básica, sendo 3 de Minas Gerais e 1 do Rio Grande do Norte. A Rede de pesquisa e ensino ADJuv é coordenada por mim e tem a participação do supervisor da pesquisa pós-doutoral em Roma Tre, Prof. Dr. Gian Luigi De Rosa, bem como da Profa. Dra. Luigia De Crescenzo (Roma Tre), da Dra. Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense), da Ms. Vitoria Aurighi, da graduanda Ariane Lucarini e da Dra. Elaine Schmitt (UFSC).

3 Português brasileiro: doravante PB.

4 “13 de maio: especial 60 anos do livro “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus”: doravante “13 de maio”.

funcionamento em línguas transnacionais e por outras culturas deve inscrever o político nesse outro processo de produção-circulação, colocando em relação não apenas suas condições de produção, mas o modo como língua e sujeito se constituem mutuamente, e como podem interpretados, ressignificados, a partir do sujeito estrangeiro estudante dessa língua.

Fundamentando-nos nos estudos da Análise do Discurso materialista (Pêcheux, 1988[1975]; Mariani, 2016), assumimos, no escopo do projeto Pensar Jovem, em andamento desde 2020, que Arquivos colaborativos interinstitucionais também contribuem para a promoção de uma língua fluida brasileira, de sujeitos e culturas diversas, de temas de relevância social para o Brasil, através de mídias digitais. Vislumbramos, portanto, um terreno de ensino multicultural, transnacional, de circulação de saberes organizados com a finalidade de confrontar os desafios a que se propõe.

Para este texto, apresentamos a discussão empenhada para o cumprimento, entre outros, de um objetivo fundamental: orientar estudantes no processo de interpretação e tradução do objeto discursivo-piloto selecionado para a pesquisa. Outros objetivos do projeto atravessam nossas reflexões, posto que contribuem para uma compreensão mais ampla da pesquisa.

Produzido a partir de uma oficina de Podcast⁵ e intitulado - pelos estudantes do projeto de extensão Pensar Jovem (DEDC/CEFET-MG) - «#Episódio 1 / Literacast ‘13 de maio - o Podcast-piloto nos motivou a desenvolver muitas reflexões acerca de sua

5 A oficina “O que pode um podcast?” foi ofertada pela professora extensionista. Dra. Leila Caeiro, também orientadora de estudantes no projeto. Atualmente, duas alunas da escola pública em que leciona também o integram como extensionistas. A etapa de formação dos extensionistas também contou com a colaboração: do mestrando Júlio César de Oliveira Sardinha, mestrando em Estudos de Linguagens (POSling - CEFET-MG), artista digital e, atualmente, coordenador de design e comunicação audiovisual do CEFET-MG; de Luiza Lages (podcaster do “Histórias de ninar para pequenos cientistas”); e de Stephania Amaral (podcaster do “Feito por elas”). Agradeço pela participação e a todos os demais extensionistas do Pensar Jovem.

produção e circulação. Com potencial formativo e científico⁶, ele é o objeto discursivo central para a investigação. Desse modo, o espaço enunciativo digital do Pensar Jovem⁷, estabelecem-se juventudes em diálogo e em produção colaborativa, contribuindo não apenas para a circulação do conhecimento (Carvalho *et al*, 2022) em via de mão dupla e para a internacionalização das discussões, mas também para o próprio ensino do PB em contextos interculturais e multilíngues.

Diretrizes teórico-metodológicas

A regravação da versão em italiano será realizada com intervenções de adaptação, visando garantir a expressividade e a pertinência sociocultural para o público-alvo jovem na Itália. Contudo, as estudantes de Roma Tre envolvidas nesta etapa tiveram, antes, encontros com a pesquisadora⁸, que visou colocá-las em contato com questões basilares da Análise do Discurso materialista em relação aos objetivos da pesquisa. Estas noções, acredita-se, podem contribuir para que o processo de interpretação, tradução, adaptação para o italiano, bem como sua regravação, constituam um outro objeto discursivo e não se confunda com uma simples tradução. Assim, as etapas de execução da primeira fase do projeto incluem também a orientação de estudantes de PB como língua transnacional⁹.

6 No texto citado, as autoras e extensionistas afirmam que o objetivo primordial do projeto de extensão é contribuir para a formação acadêmica, científica e cidadã dos alunos da Educação Básica, na rede pública de ensino de Minas Gerais. A partir de 2024, a expansão dessa colaboração se efetivou com a participação da Escola Estadual Barão do Rio Branco, Parelhas (RN).

7 Confira detalhes do projeto de extensão Pensar Jovem (DEDC/CEFET-MG) e do Arquivo Discursivo das Juventudes em: <https://pensarjovem.com/arquivos-da-juventude>.

8 Esclarecemos que a expressão a pesquisadora do projeto é também a coordenadora do projeto de extensão Pensar Jovem.

9 Em uma próxima fase do projeto, passaremos às reflexões teórico-metodo-

Empenhamos, para os objetivos que aqui apresentamos, gestos de leitura de uma obra autobiográfica em forma de diários escritos em cadernos, de uma escritora “incomum” na década de sessenta, no Brasil. Uma mulher considerada fora do (seu) lugar, improvável sequer de produzir conhecimento ou - ainda mais improvável - fazê-lo circular. Uma mulher, não branca, mas negra; uma mãe solteira com três filhos de diferentes pais; uma moradora da favela do Canindé (São Paulo, Brasil); essa escritora que frequentou apenas dois anos de escola teve sua obra traduzida para 16 idiomas, chegando ao topo das obras mais vendidas no Brasil¹⁰. O Podcast-piloto, “13 de maio”, foca nos dias 13, 15 e 16 de maio, nos quais, a fome e a vida de Carolina Maria de Jesus na favela constituem o que os extensionistas do Pensar Jovem selecionaram como um saber que deve circular.

O processo de edição da obra de Carolina foi feito pelo jornalista Audálio Dantas, quando a encontrou sentada no passeio, perto de uma pracinha. Conforme o autor, foi feita a supressão de trechos relativos a 20 cadernos¹¹ e mantida a escrita “original” em relação aos desvios da norma-padrão, ou em termos linguísticos, buscando-se garantir uma variedade do PB. Em termos mercadológicos, contudo, essa decisão foi recorrentemente vinculada a estratégias que visavam transformá-la em um produto de espetacularização para a mídia e para o público. Assim, uma das questões que surgiram dessas discussões entre a pesquisadora e os estudantes de Roma Tre envolvidos nas atividades e as estudantes

lógicas para realizarmos a legendagem do podcast, que objetiva analisar gestos de edição (Moreira, 2024) do Podcast “13 de maio” em PB e o modo de circulação dessas discursividades, considerando-se estudantes em escolas italianas da Educação Básica e os estudantes de PB como língua transnacional.

10 Na Itália, a primeira tradução da obra foi realizada por Lidia Roccavilla, com prefácio do escritor italiano Alberto Moravia. Confira em: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto di dispeggio*. Tradução de Lidia Roccavilla. Prefácio de Alberto Moravia. Milano: Valentino Bompiani, 1962. 249 p.

11 Confira: JESUS, C. M. *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada. Edição Comemorativa. São Paulo: Ática, 2020. 264 p.

participantes do projeto¹² envolve a necessidade de reflexão sobre o modo de se apropriar e colocar em funcionamento essa discursividade e esses sentidos em italiano, por outros(as) sujeitos e em outras condições de produção - históricas, socioculturais e econômicas, para pontuar o mínimo.

Alguns aspectos foram fundamentais para lidar com os diversos saberes em circulação a partir da reflexão anterior. A concepção do PB como língua transnacional; o gesto de leitura do arquivo das estudantes antecipado pela mediação da pesquisadora, no que se refere à apresentação da obra e do projeto; a discussão acerca da circulação do conhecimento em perspectiva discursiva e materialista e enquanto prática discursiva em perspectiva decolonial.

De partida, mobilizamos, assim, Zoppi-Fontana e Diniz (2008), ao refletirem sobre o português brasileiro em um espaço de enunciação ampliado e transnacional. Os autores analisam o processo de constituição do imaginário de língua nacional e o modo como a produção do conhecimento passa a ser significado. Com eles, interrogamos a constituição de saberes nessas práticas discursivas de interpretação, tradução, adaptação e regravação, colocando em circulação outros saberes, como o saber metalingüístico do português brasileiro, configurando não apenas imaginários, mas as formas das sociedades. Mobilizamos, também com os autores, a citação de Orlandi, para pensar no podcast original em português e em italiano.

Nas palavras de Orlandi (2001a, p. 9) enquanto objeto histórico, tanto a gramática como o dicionário, ou o ensino e seus programas, assim como as manifestações literárias são uma necessidade que pode e deve ser trabalhada de modo a promover a relação do sujeito com os sentidos, relação que faz história

12 Agradeço à estudante de PB Vitória Aurighi pela participação na etapa de discussão e tradução do Podcast “13 de maio”, e à estudante Arianna Lucarini, na etapa de adaptação, discussão e regravação.

e configura as formas da sociedade. O que nos leva a dizer que, por isso mesmo, eles são um excelente observatório da **constituição dos sujeitos, da sociedade e da história**. [Zoppi-Fontana e Diniz, 2008, p. 8, grifo dos autores]

Do mesmo modo, a determinação das condições de produção para o Podcast-piloto e para sua versão italiana impõe consequências para a produção-circulação dos saberes aí em funcionamento. Para procedemos à ampliação e movimentos na ordem discursiva do arquivo com a internacionalização do ADJuv, e especificamente, com instituições de ensino e culturais na Itália, temos encontrado abertura para circular e/ou ressignificar memórias discursivas acerca de diferentes temas-problema brasileiros: sociais, políticos, culturais, artísticos, educacionais, científicos, ambientais, entre outros. Essa abertura, porém, inicialmente era uma incógnita, tanto para a pesquisadora brasileira quanto para os pesquisadores italianos participantes da Rede ADJuv¹³. São questões de ordem da política e do político na relação entre língua, sujeito e Estado, com as quais precisaremos lidar.

A consolidação e a institucionalização dessa circulação diz respeito também à socialização do conhecimento (Grigoletto e Mariani, 2020) da rede ADJuv. O que significa circular saberes de um outro país, cultura e sujeitos históricos, em escolas, centros linguísticos de ensino de PB e universidades? Na entrevista feita pelas autoras (2020) com a teórica Eni Orlandi, ela destaca a importância da ética e do político para quem produz e socializa conhecimento. Perguntamos, assim: Como se constituem esses saberes e o que materializam, em uma outra ordem discursiva, em

13 A Rede ADJuv é constituída por pesquisadores de diferentes instituições nacional e internacional, bem como professores da Educação Básica. Está em andamento a formalização de colaboração com escolas italianas e dois centros linguísticos de ensino de PB. O objetivo é que professores e pesquisadores possam discutir os modos de produção-circulação do Arquivo Discursivo das Juventudes (ADJuv), ao mesmo tempo em que formulam questões de investigação para suas pesquisas.

outro espaço enunciativo? E o espaço enquanto território, onde são produzidas, discursivizadas, institucionalizadas, formas de existir e significar... o *outro*?

Postas essas questões, neste segundo momento também retomamos uma questão anteriormente apresentada, a da “originalidade” da escrita da obra-base do Podcast “13 de maio”. Ela constitui, inclusive, uma polêmica acerca da edição brasileira de “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (Jesus, 2020): não teria sido ela mesma, mas o jornalista editor. Embora não seja este um objetivo específico da pesquisa, estamos diante de condições de circulação em que precisamos nos posicionar, trabalhando o modo como a língua e o conhecimento em circulação se historicizam em espaços enunciativos - ainda não informatizados no momento - de instituições italianas, mas também: que saberes devem circular. Afinal, essa escritora não é homem, não é branca, não teria instrução nem compõe a classe social privilegiada no contexto literário brasileiro. Lugones (2020) afirma que fica invisibilizada a situação violenta da mulher de cor se pensada apenas como uma parte do que passam as mulheres (brancas) e os negros (homens). A separação categorial seria a separação de categorias que são inseparáveis.

Nossa abordagem discursiva propõe que o analista do discurso se responsabilize pela constituição de sujeitos e sentidos, pelo que - *quem* - pode correr o risco de ser silenciado ou por essa língua fluida, no processo de produção-circulação do “13 de maio” em italiano. Retomaremos este ponto. Mas, de todo modo, a pesquisa que aqui apresentamos também segue a proposta desestabilizar o “consenso do multiculturalismo” (Pfeiffer, 2011) - na medida em que a diversidade e os conflitos entre diferenças demandam que os sujeitos - no caso, estudantes de PB como língua estrangeira - e inicialmente, na Itália - em seus gestos de leitura do arquivo, responsabilize-se por sua posição na história e no social.

Com esta Pfeiffer (2011) nos interessa refletir sobre o modo como, “no ensino da língua portuguesa (com seus instrumentos

como a gramática, a literatura e mais atualmente a mídia em geral), vemos o trabalho do Estado (não se trata aqui do nível intencional) de homogeneizar sentidos” (Pfeiffer, 2011, p. 150), produzindo o consenso e apagando a diversidade; “produzindo na escrita o efeito máximo da unidade consensual” (*idem*, p. 150).

A circulação do ADJuv - a sistematização de processos para essa circulação - poderá expor, entre outras direções, confrontos entre relações culturais e sociais. Isso porque serão colocados em funcionamento outros gestos de leitura nas instituições italianas, dos quais advirão outras histórias, memórias e imaginários sobre ‘o’ Brasil, sobre as relações entre o Brasil e a Itália, sobre ‘as’ juventudes brasileiras e ‘suas’ temáticas sociais, culturais e científicas.

Orientações teórico-metodológicas

Filiada à perspectiva materialista da Análise do Discurso, assume-se, com Pêcheux (1988[1975]), que as palavras ou expressões mudam o sentido conforme a posição de seus enunciadoreis. O objeto de pesquisa mais amplo que se apresenta, o ADJuv, não é meramente uma reunião de produtos de mídias digitais, mas constitui-se como um arquivo enquanto discursividades reunidas em torno de uma tema, de uma questão.

Nessa perspectiva, a expressão ‘arquivo discursivo’ está sendo aqui compreendida discursivamente como um trajeto de leitura em torno de um mesmo tema, configurando uma rede de sentidos, produzindo diferentes ‘efeitos de arquivo’ e de memória (Guilhaumou, 1997). A investigação do ADJuv se implica, desse modo, com a compreensão dos modos de circulação do conhecimento a partir das formulações do intradiscurso na relação com o interdiscurso em instituições escolares e culturais no exterior.

A partir de Orlandi (2001), assume-se que as condições de produção do ADJuv para circulação internacional orienta outros processos de (re)produção-circulação desse arquivo,

considerando suas especificidades, principalmente a partir do modo de sua institucionalização e da injunção em à relação língua, sujeito e história ao qual se vincula. A esse procedimento, acrescenta-se a noção de ‘lugares de enunciação’ (Zoppi-Fontana, 2003) para analisar as condições específicas de produção-circulação dos objetos discursivos na Itália, tendo em vista os diferentes ‘regimes de enunciabilidade’ que se impõem na ordem dos acontecimentos.

Citando Guilhaumou (1994), Zoppi-Fontana (2003) propõe o trajeto temático como dispositivo de leitura, colocando em “estado de dispersão” enunciados produzidos em lugares, tempos e gêneros distintos e por locutores diferentes. Para a produção-circulação do ADJuv na Itália, esses são procedimentos analíticos que temos privilegiado, tomando em conta as noções de lugares de enunciação e trajeto temático (Zoppi-Fontana, 2003), a fim de analisar, através de procedimentos teórico-metodológicos - as diferentes determinações, imaginários e funcionamento das materialidades significantes e seus modos de leitura com a circulação do ADJuv na Itália.

Fortalecendo esta abordagem teórica, Mariani (2020, p.6) afirma que toda produção de conhecimento é resultado de um processo histórico, político e ideológico. Nestes termos, refere-se ao funcionamento e aos efeitos das tecnologias digitais e de linguagem em relação à circulação dos discursos de produção do conhecimento no meio virtual (Mariani, 2020, tradução minha). Nesta esteira, aponta, enquanto inscrição do político na ordem do discurso digital, para um funcionamento afetado por ‘quem’ domina ou detém os aparelhos de poder e que fazem circular discursos de um modo e não de outro, produzindo efeitos para o processo histórico de constituição da memória coletiva.

Contudo, clivagens resultantes de gestos de interpretação diante de um *corpus*, em nosso procedimento de análise, encaminham práticas que alteram a maneira de ler o arquivo. Esse movimento analítico se justifica mediante as condições históricas e

políticas que as sociedades atuais vivenciam, como as juventudes que, frequentemente, se situam entre os dissidentes de uma discursividade em que “todos” é cada vez menos e mais monolíngue. Em referência a Mariani (2016), o gesto de leitura empenhado no arquivo é que o constituirá em relação a uma prática discursiva.

Para a pesquisa em andamento, essa abertura não significa, portanto, acréscimo de estudantes, escolas e pesquisadores produzindo, analisando e fazendo circular podcasts. Significa que sujeitos, em suas relações interculturais, ao interpretar os sentidos de diferentes modos, materializam essa *relação ao Outro*, “polemizando” as diferentes maneiras de ler, os movimentos dos sentidos que os reporta à interpretação em relação à história.

Nós nos assujeitamos sempre de alguma forma; mas também estamos, nesta reflexão, em um processo lento de transformação, como propõe a própria produção de saber. Questiona-se, assim - e é preciso formular outras inquietudes, do ponto de vista teórico e prático - o que também produzimos e como; como nos posicionamos a fim de colocarmos um saber em circulação e quais sentidos atribuímos a ele, e a partir daí como nos - uma rede, um “nós” mais plural - responsabilizamos. E também os estudantes, jovens divulgadores, em uma postura ética (Mariani *et al*, 2021), ao atuarem no reconhecimento e afirmação de políticas de administração de arquivos, editoriais, nas mais diversas instituições e espaços digitais de enunciabilidade.

Nessa direção, o trabalho de descrição-interpretação na Análise do Discurso de vertente materialista orienta para a descrição como parte da tarefa do analista de organização e caracterização do *corpus*, as especificidades de suas condições de produção-circulação. E, dessa abordagem, resulta a pergunta: o que significa ampliar, ou abrir, espaços de enunciação? Seria essa uma forma de tensionar os modos de dominação e desterritorializar os territórios, sujeitos e o modo como se responsabilizam pelo acesso, pela democratização do conhecimento? De acordo com a Unesco (2021), acerca da Ciência Aberta:

A ciência aberta pode ser compreendida como um construto inclusivo que combina vários movimentos e práticas que têm o objetivo de disponibilizar abertamente conhecimento científico *multilíngue*, tornando-o acessível e reutilizável para *todos*, aumentar as colaborações científicas e o compartilhamento de informações para o benefício da ciência e da sociedade, e abrir os processos de criação, avaliação e comunicação do conhecimento científico a atores da sociedade, além da comunidade científica tradicional. Abrange *todas* como disciplinas científicas e *todos* os aspectos das práticas acadêmicas, incluindo ciências básicas e aplicadas, ciências naturais, sociais e humanas, e se baseiam nos seguintes pilares-chave: conhecimento científico aberto, infraestrutura científica aberta, comunicação científica, envolvimento aberto dos sociais e diálogo aberto com outros sistemas de conhecimento (Unesco, 2021).

No presente encaminhamento analítico, o gesto de interpretação do analista interroga o modo como se produz, como se formula e circulam os objetos discursivos, bem como são significados os recursos técnicos que subjazem a discursividade do/no arquivo. No Brasil, essas questões são pertinentes não apenas para o ADJuv, mas para toda extensão universitária e divulgação científica.

Isso exposto, e em conformidade com essa inscrição teórico-metodológica, foi proposto a estudantes da graduação e mestrado (Roma Tre) a escuta do Podcast leitura do conto ‘13 de maio’ (Pensar Jovem, 2021) e a leitura dos fragmentos relacionados da obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus (Jesus, 2022). Posteriormente, foi feita uma discussão, abrindo questões de língua, sujeito e história, e sobre como estas questões implicam no processo de tradução, adaptação e regravação do podcast em italiano.

Para dar alguma visibilidade à estrutura do arquivo em termos de organização do espaço enunciativo digital/site Pensar Jovem, o objeto de pesquisa do ADJuv se inicia com a circulação do Podcast-piloto, assim identificado:

1. Tema: Raça, racismo, antirracismo; 1.1 Literatura Afrobrasileira; 2. Mídia: Podcast; 2.1 Podcast-piloto - Episódio #001/Literacast '13 de maio: especial 60 anos do livro "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus. (Objeto discursivo Episódio #001), produzido por extensionistas da educação básica, graduação e pós-graduação em Estudos de Linguagens (CEFE-T-MG); 4- orientação de circulação: do Brasil à Itália; Espaço enunciativo colaborativo do Arquivo: site www.pensarjovem.com, escolas e centros linguísticos italianos, plataforma Spotify: <https://open.spotify.com/episode/1P5kVx5Gpoqqh7T6bCxz1O>.

De acordo com as extensionistas do Pensar Jovem Carvalho *et al* (2022), a circulação do Podcast em outros espaços enunciativos, formais e informais, permite ao estudante 'pensar por si mesmo'. As autoras inscrevem o referido conto no âmbito do gênero literário, mas lembram que a discursividade que o atravessa é permeada pela memória, por um relato autobiográfico que produz efeitos de resistência.

Saberes em circulação: efeito de dominação, efeito de resistência

Aqui reside a potencialidade da mídia digital Podcast, incluindo a produção de um videocast e a legendagem em diferentes línguas, como modo de ampliar a circulação do conteúdo nas instituições de ensino e centros linguísticos que têm o PB como língua estrangeira, ou como aqui nos interessa mais especificamente, como língua transnacional. Essa é a segunda fase do projeto: analisar os efeitos de produção-circulação de um Podcast com possíveis inserções de imagens selecionadas por esses estudantes de PB, através da edição de legendas ou de notas explicativas.

Algumas razões justificam essa empreitada. Para a Análise do Discurso materialista, a "seleção" discursiva não é uma prática isenta da interpelação ideológica. Pelo contrário, ela requer

um gesto de leitura do arquivo que interroge os sentidos naturalizados, os ‘já-lá’ de um país distante, enquanto discursividades enquanto produto-exportação, ou enquanto discursividades encaixotadas em um ‘já-aqui’ de imaginários e estereótipos sobre o Brasil, seus sujeitos e “a” sua língua - a imaginária, da gramática e do colonizador.

Orlandi e Souza (1988), em sua definição, aproximam a língua imaginária da norma padrão, reconhecendo-a como língua-sistema, normas, coerções, língua-instituição, língua histórica, enquanto a língua fluida seria aquela inscrita e constituída na história, em movimento, que não se pode ser regulada por um sistema e normas. Portanto, interessa-nos compreender as tomadas de posição desses estudantes de PB como língua transnacional.

Dito de outra forma, nesse processo de (re)tomada da língua do outro em movimento - do PB no Podcast - em *relação ao* italiano, legendado, em outras condições históricas e sociais de produção, não apenas consideramos as adaptações, substituições, supressões e explicações gramaticais e semânticas do PB, como estamos atentos aos desafios de uma interpretação que se responsabilize pela divisão dos sentidos e do(s) sujeito(s) que vão se constituindo ou sendo silenciados por esses gestos de análise.

As atividades desenvolvidas com estudantes do mestrado, ou *laurea magistrale*, em Roma Tre¹⁴, e a discussão que se deu posteriormente, com duas discentes - graduação e mestrado - focam na obra «Quarto de Despejo» de Carolina Maria de Jesus e no podcast piloto «13 de maio». As principais questões levantadas giraram em torno da constituição do sujeito na escrita autobiográfica de Carolina, das tensões entre a língua padrão e as variantes linguísticas presentes na obra, e dos possíveis efeitos de sentido na tradução e regravação do podcast por jovens estudantes de PB como língua transnacional.

14 Os encontros ocorreram na disciplina de Língua Portuguesa (Laurea Magistrale), do Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Straniere.

A pesquisa de Braccini e Faggion (2002) nos traz aspectos relevantes. A análise buscou compreender, entre as línguas de partida e de chegada, como aspectos culturais presentes em uma dada obra literária dependem de decisões de seus tradutores, assumindo, com Venutti (1995), que elas podem ser mais ou menos domesticadoras ou mais estrangeirizadoras. Ainda que seja uma questão que nos interessa para outro momento da pesquisa, pretendemos trazer aqui algumas semelhanças a partir do que os autores discutem a seguir.

Conforme indicam os exemplos apresentados, verificou-se que, nas notas de rodapé acrescentadas ao texto traduzido, Bagby Jr., o tradutor estadunidense, nem sempre conseguiu transmitir para o leitor de língua inglesa os aspectos sociais que estavam por trás da linguagem utilizada no Brasil, como no caso das notas relativas aos vocábulos “preto” e “sinhã-moça”, que têm relação direta com a escravidão no país, mas para os quais Bagby Jr. não estabeleceu tal relação. Scott-Buccleuch, o tradutor britânico, no entanto, mostrou ter preferência por incluir informações adicionais no próprio texto traduzido. Bagby Jr. tende a acrescentar informações para os leitores de língua inglesa, inscrevendo-se no texto de forma bem visível. (Braccini e Faggion, 2022, p. 92).

De fato, os autores afirmam que “as notas de rodapé, ou inserções, adicionadas às duas traduções, poderiam ter essa função de dar visibilidade aos marcadores culturais e, consequentemente, ao tradutor, o que não ocorre” (*idem*, p.93). Muitas vezes, não há esse objetivo, ou mesmo, não há garantias diante da tentativa de delimitar os sentidos, mas há caminhos possíveis para que estes se constituam sob a premissa metodológica para a análise do venho compreendendo como *sujeitos em relação de composicionalidade*.

Lagazzi (2010) propõe a composicionalidade - *composição material* - para discutir o trabalho de descrição-interpretação das materialidades significantes. Assim, além da forma e da estrutura,

reconhecemos um processo contraditório que articula - na medida em que os estudantes de PB tomem posição nesse batimento presença-diferença - outras materialidades significantes: palavras, imagens, sons, gestos. Interrogamos o processo de produção-circulação do podcast em italiano com essas premissas. Como caminho, temos discutido se poderiam ser mobilizadas e quais seriam as notas adicionais, explicativas, ou como textualizar essas inserções. No caso de um videocast, com *imagens* - que poderiam de ser Carolina, da favela do Canindé, dos barracos, etc. -, desse *outro* Brasil, *outro* sujeito, ressignificado, mas lá.

A partir dessa abordagem, tomamos o discurso de Carolina - desse sujeito que fala antes e que demanda interpretação - em *relação a um outro* - estudantes de PB que, em seus gestos de leitura, se posicionam não de um modo a produzir efeitos de silenciamento, mas buscando pontos de deriva para que a diferença se inscreva nessa *outra* língua, “estrangeira”¹⁵, em outras condições de produção, de história e relações de poder.

Celada (2010) explora o ensino de espanhol no Brasil, destacando as especificidades dessa língua como «estrangeira» para os falantes de português. Destaca o modo como a memória discursiva e as relações de poder envolvidas nesse processo produzem consequências para a construção de subjetividades e identidades linguísticas em contextos de ensino de línguas estrangeiras. Em relação ao PB como língua estrangeira na Itália, as relações de imigração entre os dois países, os acordos - incluindo os de ordem política -, as políticas linguísticas para o ensino de PB na Itália, também contribuem para a construção de subjetividades e estabelecimento de relações de poder.

Contudo, buscamos não perdermos de vista, nessa inscrição metodológica, as políticas de língua nesse processo. Para Orlandi

15 Com as aspas, queremos aqui marcar os efeitos de sentido do verbete “estrangeiro” para a reflexão, marcando a diferença e os pontos de deriva na língua do *outro*.

(2001), quando se define o modo de acesso a uma língua – pelo ensino, pela produção dos instrumentos linguísticos – pela leitura das publicações, pelos rituais de linguagem, pela legitimidade dos acordos, entre outros, praticamos diferentes formas de política da língua. É com essa abordagem, também, que formulamos, como objetivo específico, a criação de espaços enunciativos colaborativos através das mídias digitais.

Avanços com retomadas

Trazemos, neste tópico, uma abordagem descritiva da pesquisa em desenvolvimento. Foram realizados dois encontros com os estudantes do mestrado em Roma Tre, nos quais os estudantes aprofundaram a leitura comparativa entre a edição brasileira e a italiana de «Quarto de Despejo»¹⁶. A análise se concentrou nas «tensões de variantes» da língua. Buscaram, assim, identificar os possíveis efeitos de sentido decorrentes do que poderia ser considerado desvio da norma culta em PB, contrapondo-o a possíveis equivalentes ou ausências na tradução italiana.

A dificuldade inicial dos estudantes em responder a questões sobre as consequências das supressões textuais para a construção do sentido, ou de sentidos possíveis para a palavra «batucada», na versão italiana, indica algumas complexidades de apreender essa relação entre sujeito, língua e sentido, de uma perspectiva materialista. Não se pode desconsiderar que a atenção foi direcionada também às condições de produção de uma escrita autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, bem como ao objetivo de retratar a realidade da favela e a questões de raça, gênero e classe. A análise do uso do itálico na edição italiana, inclusive em palavras como «favelas», consideradas de conhecimento geral pelas estudantes, suscitou reflexões sobre as decisões editoriais da referida edição e seus impactos na percepção do texto por leitores italianos.

16 Confira em: “La stanza dei rifiuti e altre opere”, da Editora Ática, 2021.

A discussão reiterou a necessidade de considerar a língua como materialidade sociocultural no processo de tradução do podcast piloto, buscando garantir a presença do sujeito de linguagem de Carolina Maria de Jesus na versão italiana, conforme apontado nas questões norteadoras propostas. A identificação de verbetes e expressões como «favelada», «mulher negra» e «catadora de papel» reforçou a importância de um trabalho intercultural e histórico na circulação do conhecimento entre Brasil e Itália.

Pensando na (re)produção e (re)significação dessa sequência didática a partir da versão italiana do podcast - que terá como extensionistas duas jovens estudantes italianas engajadas no projeto de tradução, discussão, adaptação e regravação - uma pergunta se formula no pós-projeto: *Quais novas associações e relações temáticas poderão surgir a partir de suas vivências socioculturais e de seu contato com a obra de Carolina Maria de Jesus e com as discussões sobre raça, classe e gênero, que se podem inferir no podcast?*

A liberdade de mudança na regravação da versão em italiana contribui para que suas vozes e perspectivas singulares ressoem no novo objeto discursivo. A própria noção de «extensionista» aqui ganha uma nuance transcultural, referindo-se ao engajamento das estudantes italianas na expansão e reinterpretção de arquivos discursivos em um novo contexto linguístico e cultural, em outras condições de produção e circulação. Ao pensarmos na circulação desse saber ressignificado, o espaço geográfico e outros aspectos acerca da decolonialidade se tornam pertinentes.

Haesbaert (2021) desenvolve, em sua obra, a intrínseca ligação entre poder e território, compreendido não apenas como espaço de dominação, mas também de resistência. A produção e a circulação do ADJuv, enquanto arquivo digital, na Itália, e a sua (re)produção por jovens italianas implicam um deslocamento não apenas geográfico, mas dos espaços enunciativos, na perspectiva da inter(trans)culturalidade que inevitavelmente afetará os sentidos e as memórias discursivas mobilizadas.

(...) Nesse sentido, o pensamento descolonial contribui para que se fortaleçam essas categorias da prática a partir da valorização de outros saberes-poderes e vinculadas às práticas populares. Desta forma, o território não se restringe, como vimos, a uma relação entre espaço e poder centralizada na figura do poder hegemônico, estatal e/ou empresarial. Envolve todas as dinâmicas de r-existência moldadas pelos grupos subalternos. Mas a práxis ou o diálogo de categorias teórico-práticas não é nada simples. Não se trata, é óbvio, simplesmente de ouvir e ainda (tentar) agir com e, assim, reproduzir o olhar do Outro. Algo da singularidade da perspectiva de cada interlocutor sempre permanece e é justamente ela que pode desafiá-lo e enriquecer outra vez o processo de conhecimento. (Haesbaert, 2021, p. 237-238).

O saber ressignificado, *outro*, que emerge dessa versão italiana nos afeta na medida em que confronta nossos próprios imaginários sobre o Brasil, sobre as relações interculturais e sobre as experiências das juventudes. A circulação desse conhecimento em novas condições de produção e em outros espaços enunciativos permite a emergência de outras histórias, memórias, contribuindo para uma compreensão mais complexa e pluralizada dos temas abordados e das próprias formas de constituição do sujeito e do saber em contextos em que há interculturalidade.

Assim, podemos nos referir aos efeitos de produção-circulação considerando-se as fronteiras móveis que tensionam palavras como "raça" em sua historicidade na Itália, orientando o trajeto temático (Guilhaumou *et al*, 2016) *racismo*, cuja relação *língua, sujeito e história* contribui para inscrevermos a contradição no processo de interpretação, tradução, análise e dos gestos de edição (Moreira, 2024)¹⁷ para as decisões de gravação do Podcast em italiano.

17 Cf. Moreira (2024): "Gestos de edição e inteligência artificial na circulação do conhecimento: censura e resistência".

Um trajeto cuja constituição histórica dos sentidos é tensionada diante de outros efeitos de sentido para “abolição”, “preto”, “batucada”; “fine della schiavitù”, “neri”, *batucada*¹⁸, na obra “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” (Jesus, 2020). Para trazermos fragmentos das discussões que os estudantes da graduação e do mestrado de Roma Tre fizeram, após os dois primeiros encontros, segue uma comparação entre a edição brasileira de 1960, em português, e a feita pela tradutora italiana Neves (Jesus, 2021):

Sd1: Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da *Abolição*. Dia que comemoramos a *libertação dos escravos*.
[Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os *pretos* sejam feliz. (Jesus, 2020, p. 35, Edição comemorativa).

Sd2: Stamattina piove. Oggi è un bel giorno per me. È il giorno che commemoriamo la *fine della schiavitù*.

...Nelle prigioni i neri erano i capri spiatori. Ma i bianchi adesso sono più colti. E non ci trattano con disprezzo. Che Dio illumini i bianchi perchè i *neri* siano felici. (Neves, 2021, p. 15)

(Tradução de Vitória Aurighi e adaptação de Arianna Lucarini)

<p>Stamattina piove. È bel un giorno per me. È il giorno dell'abolizione dello schiavismo</p> <p>Discussão com Carla</p> <p>dell'epoca schiavista. Il giorno in cui commemoriamo la libertà conquistata dagli schiavi.</p>	<p>Reformulação para chamar a atenção para o processo de escravização sofrido pelos negros. <i>Coloca os escravizados como ativos na resistência à escravização e por sua “libertação”.</i></p>
--	---

18 Na edição italiana (Neves, 2021) não consta uma tradução para a palavra *batucada* no texto, no qual comparece em itálico e com uma nota de rodapé explicativa.

Sd3: Stamattina piove. È bel un giorno per me. È il giorno dell'abolizione dell'epoca *schiaivista*. *Il giorno in cui commemoriamo la libertà conquistata dagli schiavi*.

De “Abolição” e “libertação dos escravos” a “fine della schiavitù”; de “pretos” a “neri”, compreendemos diferentes trajetos temáticos, cuja historicidade requer que se aborde as condições sociohistóricas de produção e sentido no Brasil e na Itália. É preciso pensar nos efeitos de circulação considerando-se as fronteiras móveis que tensionam palavras como «raça», mas principalmente as questões raciais.

Se constituir espaços enunciativos informatizados por e para juventudes aproxima línguas, saberes e história, a perspectiva de(s)colonial, conforme explicitado por Haesbaert (2021), atravessa múltiplas trajetórias e não se restringe a uma teoria, mas configura-se como um modo de ler e vivenciar o mundo. Nesse sentido, o território, longe de ser um mero espaço físico, emerge como um espaço de poder e resistência, intrinsecamente ligado às dinâmicas da colonialidade.

Haesbaert (2021) afirma que a própria construção de categorias espaciais como “América Latina” é problematizada, alertando para a necessidade de questionar recortes geográficos como se fossem dados naturais. O giro de(s)colonial, ao enfatizar a dimensão geográfica, associa diretamente poder e território, demandando que se considere o contexto espaço-temporal na produção e circulação de saberes. Saberes de(s)coloniais “sul-norte” de uma esfera geográfica pouco fronteiriça, não se limita a inverter, negar ou invisibilizar o pensamento “outro” - como o denominado eurocêntrico.

A reflexão sobre como nos responsabilizar, em uma perspectiva discursiva, pelo sujeito de/na língua *Carolina Maria de Jesus* podcast em italiano, nos orienta para a língua como materialidade sociocultural, a qual possui muitas formas de encaminhamento metodológico. As análises têm buscado identificar verbetes e

expressões que indicam a necessidade de discutir interculturalidade, historicidade e as condições de produção na circulação do conhecimento entre Brasil e Itália, como os verbetes discursivizados na obra e a serem analisados mais detidamente em um próximo texto.

Para o momento, enquanto pesquisadora, preciso me posicionar em termos de responsabilização por sujeitos afrodescendentes, pela escritora e autora Carolina, mas especificamente por esse sujeito que se materializa em seu discurso e com o qual me identifico, como mulher negra, professora e pesquisadora, assim como propus em Cestari e Moreira (2025)¹⁹. Entendo que é um modo de resistência discursiva, mas também uma prática de produção científica decolonial, em termos de reprodução das condições reais de existência de sujeitos e línguas em disputas por espaços enunciativos, sentidos e memórias.

Nestes termos, tomamos o projeto «Arquivo Discursivo das Juventudes: internacionalização de espaços colaborativos de produção-circulação do conhecimento em mídias digitais (Brasil e Itália)» e a rede ADJuv como um desdobramento de outras iniciativas vinculadas ao Programa de Extensão Pensar Jovem.

Buscar parceiros em outros contextos geográficos é decisivo para a realização de uma efetiva descolonização. Realizar, assim, encontros e/a-fetivos com aqueles dispostos ao intercâmbio, tanto 342 9. Multi/transterritorialidade por um devir descolonial aberto e plural no sentido prático das lutas subalternas que se ampliam para outros continentes e, potencialmente, para o mundo inteiro, quanto no campo analítico da disposição para a ampliação de um diálogo intelectual mutuamente enriquecedor. Diversos investigadores do “centro” estão dispostos não

19 Agradeço à Profa. Dra. Mariana Jafet Cestari, pela parceria em projetos didáticos, produções intelectuais, pelos debates no Grupo de Pesquisa “Discurso, Tecnologia e Circulação do Conhecimento”, os quais me aproximaram das teorias raciais, uma interpelação incontornável, que exige tomada de posição.

simplesmente a conhecer e “revelar” nossas práticas, em um enfoque que ainda mantém algo de colonial, mas a “conhecer os nossos saberes” para construir, com e através deles, relações de maior reciprocidade e reconhecimento. (Haesbaert, 2021, p. 342)

Sobre esses saberes, a própria noção de ‘raça’ sofre a injunção de uma forma de colonialidade, a epistemológica, cujas condições de sua produção tensionam as relações de força sobre o saber legitimado e aqueles ressignificados pelas juventudes *em relação* e por meio de mídias digitais.

Uma pausa...

Ainda que não tenhamos respostas conclusivas, compreende-se até o momento que as condições de produção e de circulação de um arquivo discursivo como o ADJuv mobiliza outras memórias, outros gestos de leitura, que têm potencial de promover trocas culturais, de ressignificar a história oficial e questionar os sujeitos que podem produzir e, por isso, fazer circular outros saberes. Nesta perspectiva, a circulação de imaginários a partir de uma posição-sujeito de jovens brasileiros(as), a partir de outros(as) jovens estrangeiros, outras discursividades em funcionamento no ADJuv, deslocam questões do campo especificamente das tecnologias ou dos temas tratados.

Discursivamente, o processo de interpretação, tradução e adaptação da variedade do PB do objetivo discursivo produzido por jovens brasileiros(as) para o italiano tem apontado contribuições importantes para os estudos do discurso. Por fim, e a exemplo, em relação ao Podcast-piloto #Episódio 1: ‘13 de maio’, compreendemos que podem estar sendo ressignificados imaginários sobre mulheres negras brasileiras, sobre os sujeitos políticos, sobre a política, entre outros temas, fomentando debates sobre gênero, raça e classe.

Os problemas de pesquisa formulados a partir do ADJuv em circulação na Itália podem também retornar reformulados, permitindo-nos compreender o modo como nos constituímos e nos movemos na relação com o outro, em ambas as direções/posições. Projetos de internacionalização que confrontam questões vinculadas ao ensino, ciência, extensão e à democratização do conhecimento são visados para o entendimento dos processos históricos e ideológicos de constituição de sentidos e relações entre os povo, e se realimentam de experiências e outros modos de institucionalizar, produzir-circular conhecimento, bem como de ressignificar imaginários sobre esses países e suas diversas juventudes.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010.

BRACCINI, A. M. I.; HATJE-FAGGION, V. O tradutor como divulgador (ou não) da cultura do texto de partida: as notas de rodapé de duas traduções para o inglês de Iaiá Garcia, de Machado de Assis. *Cadernos de Letras UFF: Niterói*, v.33, n.65, p.71-97, 2022.

CARVALHO, N. R. . A. de, Campos, I. T., & MOREIRA, C. B. O podcast “13 de maio” e a extensão como percurso formador. *RELA-Cult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade*, 8(4), 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.23899/relacult.v8i4.2292>>. Acesso em: fev. 2024.

CELADA, M. T. *O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2002.

GRIGOLETTO, E.; MARIANI, B. Entrevista com Eni Orlandi. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, p. 247–268, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i3.1778. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1778>. Acesso em: 20 abr. 2025.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. Traduzido por S. Lagazzi; J. H. Nunes. In: ORLANDI, E. Puccinelli (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 163-183.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D; ROBIN, R. *Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso*. Trad. Carolina P. Fedatto, Paula Chiaretti. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2016.

JESUS, C. M. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Edição Comemorativa. São Paulo: Ática, 2020. 264 p.

JESUS, C. M. *La Stanza dei Rifiuti e altre opere*. Traduzione di Rita Ciotta Neves. Prefazione di Massimo Canevacci. Postfazione di Raffaella Fernandez. Roma: Alpes Italia, 2021.

HAESBAERT, R. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina*. Ciudad Autónoma de Buenos

Aires: CLACSO. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2021. Livro digital, pdf.

LAGAZZI, Suzy. *Linha de passe: a materialidade significativa em análise*. In: Rua, Campinas, SP, n. 16, p. 109–120, jul./dez. 2010.

LUGONES, Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar, 2020.

MARIANI, B. S. C. Subjetividade e Imaginário Linguístico. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 55-72, 2003.

MARIANI, B. S. C. Divulgação Científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias. In: MARIANI, B. (Org.) *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em análise do discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima: FAPERJ, CNPq, 2016.

MARIANI, B. S. C. La produzione e la circolazione del sapere su piattaforme digitali: lo status del portoghese brasiliano in un'enciclopedia digitale sottotitolata, In: *Rivista Lingue e Linguaggi*. Volume 35 (2020).

MARIANI, B. S. C. *et al.* A produção de conhecimento em análise do discurso e sua circulação em meio digital: problemáticas e perspectivas. In: SILVA, Dalexon Sérgio da; SILVA, Claudemir dos Santos (org.). *Pêcheux em (dis)curso: entre o já-dito e o novo. Uma homenagem à professora Nadia Azevedo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 333-356. v. 2.

MARIANI, B. S. C. As ciências humanas, a Análise do Discurso e o momento atual: discursos sobre ciência aberta, políticas públicas e periódicos científicos. *Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 164–181, set./dez. 2022.

MARIANI, B. S. C. *Da incompletude do arquivo: teorias e gestos nos percursos de leitura*. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 24, n. 1, p. 9–26, 2016.

MOREIRA, C. B. (Org.). *Produção e circulação do conhecimento das/ pelas juventudes: o Programa de Extensão Pensar Jovem*. Belo Horizonte: Editora LED, 2023. Disponível em

<<https://www.led.cefetmg.br/producao-e-circulacao-do-conhecimento-das-pelas-juventudes-o-programa-de-extensao-pensar-jovem>>. Acesso em: 05 jan. 2025.

MOREIRA, C. B. (2024). *Gestos de edição na divulgação do conhecimento: censura e resistência*. Gragoatá, Niterói, v. 29, n. 64, 2024.

MOREIRA, C. B; OLIVEIRA, G. . *Língua Portuguesa: autonomia e interdisciplinaridade*. Belo Horizonte, MG: RHJ, 2021. 144 p.

ORLANDI, E. P. Entrevista. In GRIGOLETTO, E.; MARIANI, B. *Entrevista com Eni Orlandi*. Revista da ABRALIN, v. 19, n. 3, p. 247-268, 17 dez. 2020. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1778>>.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P.; SOUZA, T. C. C. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, E. P. *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta*. Paris: UNESCO, 2021. Trad. Representação da UNESCO no Brasil. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1988[1975].

PÊCHEUX, M. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. *Décalages*, [S.l.], v. 1, n. 4, 2014. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/pecheux/ano/mes/40.pdf>.

LITERACAST. #001 – 13 DE MAIO. [Locução de: Nathália Roberta, Miliane Soares, Thalyta Gonzaga, Miriã Alexandre, Isabelle Teotônio e Mylla Ferreira]. Belo Horizonte: Pensar Jovem, 18 jun. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1P5k-Vx5Gpoqqh7T6bCxz1O?si=Jfdcy5pJTUiUSxaklaUiv>. Acesso em: 10 jan. 2025.

PFEIFFER, C. C. Políticas públicas: educação e linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 53, n. 2, p. 149–156,

2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636984>.

REHFELDT, M. J. H., & Silva, M. S. da . (2019). Podcast como recurso de aprendizagem: um elo entre as mídias digitais, a aprendizagem significativa e o educar pela pesquisa. *Ensino Em Re-Vista (Especial)*, 1171-1194. Disponível em <<https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/52070> >. Acesso em: 03 abril 2025.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London: Routledge, 1995.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30027>. Acesso em: 24 dez. 2023.

ZOPPI-FONTANA, M. G.; DINIZ, L. R. A. Declinando a língua pelas injunções do Mercado. Institucionalização do português língua estrangeira. In: *Estudos Linguísticos*, v. 37, n. 3, p. 89-119. São Paulo: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 2008. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/340066441_DECLINANDO_A_LINGUA_PELAS_INJUNCOES_DO_MERCADO_INSTITUCIONALIZACAO_DO_PORTUGUES_LINGUA_ESTRANGEIRA_PLE>. Acesso em: 13 fev. 2025.

ZOPPI-FONTANA, M. *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas, SP: Editora RG, 2009. p. 13-41.

Discursive Archive of Youth: Internationalization and Collaborative Knowledge Construction in Digital Media

ABSTRACT: This text aims to present the discussions on the research project *Discursive Archive of Youth: Internationalization of Collaborative Spaces for Knowledge Production and Circulation in Digital Media*, an extension of previous initiatives dedicated to the development of the Discursive Archive of Youth (AD-Juv) within the Pensar Jovem Extension Program (DEDC/CEFET-MG). From a discursive perspective (Pêcheux, 1988[1975]; Mariani, 2016), its objective is to implement the ADJuv abroad, initially in Rome (Italy), with the purpose of establishing a collaborative network among different educational and research institutions to promote knowledge exchange among and from youth. Thus, the translation, analysis, adaptation, and recording of the pilot podcast *13 de maio* (May 13th) (LITERACAST, 2020) by university students of Portuguese as a foreign language in Italy constitute the first stage of an internationalization process of enunciative places for knowledge production and circulation from Brazil to other countries, particularly those with which Brazil has shared, and continues to share, migratory movements and (de)colonization processes.

KEYWORDS: Knowledge Circulation. Podcast. Carolina Maria de Jesus. Discursive Archive of Youth.